

Resenha

Platão e a Questão da Alma

Felipe Gustavo Soares da Silva
Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO)
felipegustavopx@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4773768420852292>

DIXSAUT, Monique. *Platão e a questão da alma*. Trad. Cristina de Souza Agostini. São Paulo: Paulus, 2017.

- [Site da editora](#) •



A autora é uma renomada pesquisadora e historiadora em Filosofia antiga, atuando Universidade de Paris I (Sorbonne - França). A tradutora da obra para o português é Cristina de Souza Agostini, professora da Universidade São Judas Tadeu (USJT). A presente tradução é publicada pela editora Paulus, fazendo parte da tradicional coleção Philosophica. Dentre a variedade das obras que tentam comentar o problema da alma na Filosofia de Platão, *Platão e a questão da alma* se destaca pela abordagem da autora em pontos fundamentais do problema e pelo aprofundamento da questões, tornando-se, assim, uma referência para os pesquisadores da chamada Psicologia de Platão.

A obra comporta doze capítulos, um prólogo e um epílogo, nos quais a autora instiga a pesquisa do mais complexo e mais importante conceito da filosofia de Platão: a *psiké*. Já no prefácio à edição brasileira, aparece a afirmação de que a alma está presente em todos os diálogos do Platão (p. 13) O próprio título da obra sugere que a alma é um tema próprio da filosofia

platônica, e, por isso, o filósofo resolveu dedicar uma vida inteira a tentar problematizar, relacionar e questionar, por seu método dialético, o problema da alma.

Uma questão inicial que parece preocupar a autora é a noção de corpo. Talvez, frente à *soberania* da alma e sua importância como *o problema* e o centro da filosofia de Platão, o corpo assumisse um papel à margem da discussão, num estudo notadamente dedicado à alma. Parece-nos que a autora tenta fazer menção ao fato de que o corpo não é um elemento desprezado quando se discute a alma. Pelo contrário, a discussão pode ganhar um elemento “extra” ao introduzirmos na discussão da alma sua relação com o corpo numa perspectiva que aborde desejos, emoções, paixões etc (especialmente na primeira parte da obra), como sendo exemplos de elementos que relacionem a alma em relação ao corpo e não sozinha.

Na abordagem de Dixsaut, ela faz uma nota inicial, na obra, estabelecendo uma relação entre corpo-palavra-alma. Diz ela que o “corpo falante é epifania da alma” (p. 27), e depois cita o Lísis, dizendo “afinal, o corpo não é um mau em si” (p. 28). Tende ainda, no debate corpo-alma, mostrar que o corpo pode se tornar um sepulcro da alma se ela mesma não estiver devidamente ordenada. Nesse sentido, diz ela que “o desregramento do alma gera o desregramento do corpo” (p. 37).

Quanto à estrutura da obra, já dissemos que se divide em doze capítulos, entretanto, a autora divide a obra em duas partes: a primeira, intitulada *ações e paixões da alma*, abordando conceitos mais práticos da relação da alma, e a segunda, que chama *escolher*, com uma abordagem mais metafísica, analisando conceitos como justiça e felicidade.

A primeira parte da obra se inicia tratando da natureza da alma na sensação. Parece-nos que a autora resolve continuar, desta vez, aprofundando nos textos platônicos, a discussão do prólogo. Na verdade, essa é uma tendência de toda a obra: discutir a alma sem deixar de lado o papel e a importância do corpo. No capítulo primeiro faz referência ao *Filebo*, *Timeu* e *Teeteto* tentando responder à pergunta “por que a teoria da percepção em Platão não dá conta de todos os aspectos da experiência sensível? (p. 43). Nesse capítulo, trata de fazer distinção sobre as formas que cada um dos diálogos aborda a questão da sensação. O segundo capítulo aborda o tema da memória e da reminiscência. Quando falamos da reminiscência, em Platão, o leitor é levado a pensar na *alegoria da caverna*, da *República*, ou no *mito da parrelha*, do *Fedro*. Entretanto, a autora trata de abordar as dificuldades inerentes à memória e à reminiscência no *Mênon*.

O terceiro capítulo é dedicado ao estudo dos desejos e dos prazeres e suas relações envolvendo corpo e alma. A ideia do prólogo em ressaltar a importância do corpo para o problema da alma é mais uma vez retomada nesse capítulo. Recorre ao *Filebo* e ao *Fédon* para examinar a vida do homem. É um capítulo bem prático, no sentido de analisar, de certa forma, os desejos, as sensações, condições de vida que são inerentes aos homens.

Esse modo de vida do homem no mundo é retomado, no quarto capítulo, a partir da leitura do *Lísis* (222 c7). O objetivo do capítulo é demonstrar o problema do uso do amor na antiguidade e a questão “moral” que girava em torno das relações eróticas. As relações eróticas, são, pois, relações da alma e do corpo, e, para entender as leis da *philia* grega, é necessário entender sua natureza, entender a amizade, o desejo, os amores. Examinando as *Leis*, observa como o ateniense observa as três espécies de *philia* na *pólis*. A importância desse capítulo é de mostrar o problema do desejo para a alma, movida por seus diversos amores. Ademais, a autora mostra uma possível solução das aporias do *Lísis* a partir da leitura das *Leis*, é claro, como ela própria diz, excetuando-se, dentre as aporias, aquela *philia* própria do filósofo (p. 154).

No capítulo cinco, nomeado *figuras da loucura*, analisa os diálogos platônicos que discursos atribuem ou a quem atribuem o termo *louco* (p. 155). A autora não se limita às doenças de alma no *Timeu*, mas cita outros diálogos, como *Laques* (193 c-d), *República* (II 359b), *Eutífron* (3 c), dentre outros. A loucura será definida como um predicado (p. 163) e, enquanto sintoma da relação, mais uma vez, corpo e alma, podendo ser considerada, a partir da perspectiva da autora, como um elemento não necessariamente negativo, mas inerente à alma desejante.

A primeira parte encerra-se com o capítulo sete, tendo como ponto de partida o *Timeu* (71a - 72c), as definições de alma, prazeres e dores. A autora analisa as forças e potencialidades da alma, observando o que há de divino nela e somando, assim, mais uma caracterização da alma, pela sua “força divinatória”, na filosofia de Platão.

A segunda parte da obra também contém seis capítulos é mais densa do que a primeira e exige uma leitura acompanhada do diálogo a que cada capítulo se refere ou, minimamente, um conhecimento da doutrina do Platão. Pode-se afirmar que a especificidade e a riqueza de detalhes da segunda parte da obra são típicas de um aprofundamento preparado desde os primeiros capítulos e destina-se a, de fato, a especialistas ou interessados em uma questão particular que envolva o tema da alma.

O capítulo sete e oito analisam questões mais profundas do *Timeu* e do *Parmênides*, observando os modos de existência e mudanças que apontam para um caminho *recheado* de questões metafísicas envolvendo os desdobramentos do problema da alma na filosofia de Platão. Nos capítulos de oito a onze, a autora analisa, mais uma vez, elementos que são derivados da relação corpo-alma. Entretanto, dessa vez, como tendência seguida na segunda parte da obra, reforçando o caráter metafísico da questão e dialogando com conceitos como justiça, felicidade,

mal e a política (esse último um tanto mas prático, mas sem abandonar a perspectiva metafísica), abrindo, assim, o caminho para o capítulo doze, em que essa relação com a política é analisada a fundo, retomando o problema da alma, dentre outras perspectivas, para o autoconhecimento.

No epílogo, trata de responder o significado da morte para a alma, percorrendo um caminho que, dentre outros elementos, demonstra a filosofia como preparação para a morte. Cita, em grande parte, *Fédon* e *Mênon* para sustentar a argumentação de suas questões.

A obra é dedicada a analisar a alma como objeto central da Filosofia de Platão, abordando, a partir de estudos que consideram a multiplicidade de relações com as quais a alma está envolvida: prazeres, desejo, verdade e, por fim, a política. Essa é a grande contribuição da obra da autora. O leitor que tenha contato com ela compreende um pouco mais sobre o porquê de a alma ser tão importante na filosofia do Platão. A resposta que podemos deduzir da leitura é simplesmente que a alma se relaciona com o todo, noutras palavras, que o tema é central porque tudo que é marginal ao homem e ele próprio dialoga com a alma. Ademais, a compreensão do que é a própria alma é fundamental para qualquer pretensão de conhecimento de qualquer outra coisa.

A obra é, portanto, uma contribuição para os inúmeros pesquisadores da Filosofia Antiga por mostrar a relação da alma com o mundo que lhe é exterior e seus desdobramentos. Ao mesmo tempo, frente às aporias dos diálogos platônicos, o estudioso de Filosofia ou de áreas afins pode compreender as potencialidades da alma, suas paixões, afecções e objetos, sua capacidade de pensar a si mesma, e dessa capacidade depende para ter uma vida sensata. Como já dissemos, a obra é bastante densa e não é de fácil leitura, o que não representa problemas de argumentação e linguagem, mas conteúdos que, em tese, somente leitores familiarizados com a obra platônica, podem ter acesso sem grandes problemas de interpretação. Recomendamos, portanto, a leitura da obra a fim de que os leitores possam compreender, com a autora, o que é a alma e quais algumas de suas relações. A partir disso, é possível aprofundar o conhecimento e a argumentação em torno da alma em Platão.

Aos que se interessam por uma questão particular da Psicologia de Platão, a obra também é uma boa referência, sobretudo pela atualidade de pensamento e capacidade de diálogo com outros diálogos platônicos. Para os estudiosos em Filosofia Antiga, vale ressaltar que a leitura da obra é um aprofundamento em questões fundamentais do mundo antigo e do pensamento de Platão. Penetrar o conceito de alma em Platão é de fundamental importância para a compreensão do pensamento do autor, pois a noção de alma, em Platão, é bastante rica, por estar inserida em sua ética, ontologia, filosofia política, epistemologia e cosmologia. *Platão e a Questão da Alma* é uma análise bastante atualizada dos debates em torno do problema da alma, em Platão, e aborda a questão de maneira bastante ampla, podendo dialogar com grandes clássicos do assunto, como, por exemplo, *A psicologia de Platão*, de T. M. Robinson, ou também, a discussão de Bress, *La Psychologie de Platon*, que envolve ainda o problema da alma. A obra de Dixsaut pode esclarecer alguns pontos ainda lacunares do problema da alma, que, apesar de estar longe de ser esgotado, ao mesmo tempo, tem atraído os olhos de muitos pesquisadores para esse núcleo da filosofia platônica exatamente pela centralidade do tema da alma em relação a todo o restante da filosofia de Platão.

Submissão (1ª versão): 08-03-2018

Aceito para publicação: 24-03-2018